



AUTOR(ES): FRANCINE RODRIGUES DE OLIVEIRA ROCHA, CLARICE DO CARMO SANTOS SOUZA, DÉBORAH MARTINS SOARES ALVES e SABRINA DIAS FONSECA LIMA.

ORIENTADOR(A): NOÊMIA DE FÁTIMA SILVA LOPES

“FICA EM CASA”: UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DE MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Introdução

No primeiro semestre do ano de 2020, o mundo começou a sentir os efeitos sanitários, sociais e econômicos da epidemia global ocasionada pelo *SARS COV-2*. A discussão sobre as consequências da pandemia tem sido acompanhada de um intenso debate sobre a exacerbação das desigualdades estruturais no Brasil e no mundo. A rápida propagação do vírus em si não discrimina quem será infectado, porém, marcadores de gênero, raça e classe apontam condicionantes de vulnerabilidades, indicando que as mulheres, especialmente as que desempenham a função de chefia na família, podem ser consideradas o grupo social mais afetado pelo flagelo do novo coronavírus. À vista disso, a pesquisa, que se fundamenta no materialismo histórico dialético, tem como principal objetivo analisar as condições de vida de mulheres chefes de família em tempos de pandemia, evidenciando os aspectos contraditórios da narrativa “fica em casa”.

Material e Métodos

As análises que serão empreendidas no marco da pesquisa serão rigorosamente pautadas na teoria marxista. Partimos do entendimento de que, o materialismo histórico-dialético é o único método capaz de apreender o movimento real em suas múltiplas determinações, expondo as contradições que geram as mais diversas expressões das desigualdades sociais. Sob a perspectiva crítica, o fenômeno da chefia feminina será analisado, dentro do seu historicismo, do seu contexto de reprodução da vida social e material. A pesquisa terá natureza básica, cuja finalidade é ampliar as formulações teóricas sobre a temática em questão, analisando os processos desiguais nos quais mulheres chefes de família estão inseridas, desencadeados ou agravados pela pandemia. Em relação aos procedimentos empregados, será utilizada a pesquisa bibliográfica que se realiza, a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, livros, artigos, teses, etc.

Resultados e Discussão

As décadas de 1980 e 1990 foram tempos propícios para estudos voltados para a compreensão das famílias chefiadas por mulheres. As reflexões sobre essa temática, foram resultantes das mudanças estruturais e demográficas no país (SANTOS MACEDO, 2008). Outros autores como Barroso e Bruschini (1981), reforçam a necessidade de se dar maior visibilidade à expansão do fenômeno e a importância desses arranjos para a manutenção de famílias da classe trabalhadora.

O conceito de chefia familiar, tem suas origens nas leis que regiam as sociedades antigas, normalmente empregada para designar o filho mais velho, que detinha o poder sobre os demais membros do domicílio (FOLBRE, 1991; GITTINS, 1985; GLENDON, 1989¹ apud CARVALHO, 1998). O papel desempenhado pela mulher e pelos demais membros do domicílio em relação a chefia masculina, traz implícito um sistema patriarcal de governança.

Carvalho (1998) nos fornece elementos importantes para essa discussão. Para a autora, dois dos principais componentes do conceito de chefia familiar masculina são o pressuposto de que esposas, filhas e mães são dependentes

¹ FOLBRE, N. Mothers on their own: policy issue in developing countries, ICRW The Population Council, Family Structure, Female Headship and Poverty Project, 1991. (Mimeo); GITTINS, D. The family in question.

15° 2021 FEPEG

FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO

“Universidade e a transformação pela inovação tecnológica: Novas formas do fazer pedagógico.”



econômicas do provedor masculino e a existência de famílias conjugais com base no domicílio. A imposição da figura masculina como principal membro econômico do domicílio, contribuiu para a depreciação dos papéis econômicos e de poder assumidos por mulheres dentro de seus grupos familiares (Idem, 1998, p. 76).

A concepção de famílias conjugais e nucleares, chefiadas pelo provedor masculino, é duplamente problemática: “Nem as famílias nem os domicílios são necessariamente conjugais, ou nucleares, nem tampouco, chefiados por membros masculinos ” (CARVALHO, 1998, p. 77). As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais produzem reflexos nas relações familiares. A família nuclear vem sofrendo ao longo dos anos, intensas transformações, dando lugar a novos arranjos familiares, dentre esses, as famílias monoparentais chefiadas por mulheres.

Para Santos Macedo (2001), a questão da chefia familiar feminina correlaciona-se com as categorias gênero, idade/geração, raça/etnia e classe social. Nos apropriamos das contribuições de Joan Scott (1991) sobre o conceito de gênero. Scott (1991), entende gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, imbricado em relações de poder. As reflexões sobre a categoria versam sobre a construção social e histórica produzidas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, circunscrita no quadro de relações sociais fundamentais, permitindo a compreensão da complexidade sobre as relações familiares.

O fenômeno da chefia feminina deve ser pensado de modo relacional às questões estruturais próprias do modo de produção capitalista, como os processos de precarização laboral, desemprego e pauperização (CARVALHO, 1998; SANTOS MACEDO, 2008). Analisar as divisões hierárquicas e sexuais do trabalho, tornam-se indispensáveis para se perceber as particularidades da opressão e exploração secular da mulher. A partir dessas considerações, é necessário compreender como os significados atribuídos aos homens e as mulheres historicamente, interferem e contribuem na construção do mundo do trabalho, implicando em determinações relevantes para a produção e reprodução do capital (CISNE, 2004, p. 128).

A mulher é duplamente explorada na sociedade capitalista: no espaço público, no âmbito do seu trabalho produtivo e no universo da vida privada, com a execução do trabalho doméstico, possibilitando ao capital, a sua reprodução, ao passo em que se criam condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho, dos maridos, filhos (as) e de si própria (ANTUNES, 1999, p. 108-109).

O capital, além de se apropriar, refuncionaliza as subordinações da mulher, por meio dos seus interesses econômicos e discursos ideológicos, como o patriarcado e racismo. Tais interesses influenciam a cultura, educação, dentre outros, provocando desigualdades nas relações sociais em geral. Nessa perspectiva, faz-se indispensável analisar o capitalismo não tão somente pela lógica do capital, mas através de um sistema de dominação social, cultural, político, ideológico e também econômico (CASTRO e LAVINAS, 1992).

No Brasil a partir da década de 1990, com a implementação das políticas neoliberais, verifica-se um processo de minimização do Estado para o social e maximização para o capital, resultando em cortes dos direitos sociais e trabalhistas, e como consequência os índices de pobreza são agravados no país. Em face a este panorama, a situação das mulheres é marcada por uma precarização agudizada. As mulheres, continuam ganhando menos do que os homens e segregadas aos nichos profissionais relacionados ao cuidar. Das desvantagens que enfrentam no trabalho, as mulheres são também as grandes responsáveis pela esfera familiar. As famílias chefiadas por mulheres solo, continuam a sofrer os encargos relacionados ao trabalho doméstico e familiares.

No cenário contemporâneo, a pandemia da *COVID-19*, causada pelo *SARS COV-2* expôs o aprofundamento da extrema desigualdade social no país, a preocupação imediata é a sobrevivência, contudo, milhares de trabalhadores e trabalhadoras, que não possuem o direito de “ficar em casa”, encontram-se sem condições materiais indispensáveis à proteção da própria vida. As mulheres constituem o grupo social que mais sofre com os impactos da pandemia. Quase 8,5 milhões de mulheres foram demitidas no terceiro trimestre do ano de 2020, conforme apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Dentro desse universo feminino, as mulheres que chefiam os seus lares, encontram-se em situação de vulnerabilidade financeira, além de sofrerem uma sobrecarga de trabalho doméstico não remunerado, devido ao acúmulo de tarefas. Para Solano (2020), a narrativa do “fica em casa”, leva a percepção de que o isolamento social é um privilégio e não um direito. A autora acrescenta que a discussão do fique em casa como ação de prevenção deve estar sintonizada às medidas econômicas e a intervenção do Estado. Nesse ínterim, políticas públicas como o auxílio emergencial, de geração de renda e emprego, são essenciais.

Em 2020, foi instituído no Brasil pela Lei nº 13.982/2020 o auxílio emergencial, que previu o repasse de R\$1200,00 mensais a mulheres chefes de família com filhos no intuito de minimizar os impactos econômicos causados

15° 2021 FEPEG

FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO

“Universidade e a transformação pela inovação tecnológica: Novas formas do fazer pedagógico.”



pela pandemia. Agora, em 2021, mulheres que chefiam os seus lares passam a receber R\$375,00 de auxílio no período de quatro meses. Políticas direcionadas para famílias chefiadas por mulheres devem estar atentas para situações em que a mulher está em situação de vulnerabilidade tanto por ser mulher, quanto por ser chefe de família. Da mesma forma, é preciso questionar políticas que contribuem para reforçar a tradicional segregação do papel feminino e masculino na nossa. Dentro de um domicílio, diferentes pessoas contam diferentes histórias de acessos aos recursos existentes. Nesse direcionamento, o fenômeno da chefia feminina deve ser aprimorado e seus limites testados por pesquisas e reflexões.

Considerações Finais:

Diante do exposto conclui-se que, a presente crise do capital tem afetado a sociedade de forma quase que irreversível, exigindo uma nova reestruturação nas relações sociais. No mar brasileiro agitado pelo *SARS COV-2*, as condições sociais, econômicas e culturais pelas quais estamos dispostos, vivenciadas de forma bastante particular, mas com dimensões coletivas, variam a partir de marcadores de gênero, raça e classe. No Brasil, a doença evidenciou a face feminina do vírus, indicando que as mulheres compõem o grupo social mais afetado pelos efeitos da pior crise sanitária do século.

Embora o perfil familiar tenha mudado no Brasil, os domicílios que dependem exclusivamente do trabalho feminino, contam com menores recursos financeiros, devido à relativa dificuldade da força de trabalho feminino se vincular ao mercado de trabalho e a sua colocação em postos de serviços com baixos rendimentos. A combinação entre a precária inserção das mulheres na esfera produtiva e as desigualdades fundamentadas na diferenciação de gênero, assumem agora, a sua expressão mais cruel, acentuando a situação de pobreza e vulnerabilidade feminina durante a crise de saúde pública. Na urgência pela sobrevivência, mulheres chefes de família, como força de trabalho superexplorada (Marx, 2017), submetem-se aos riscos de contaminarem a si mesmas e os seus dependentes, num processo extremamente contraditório e desumanizado.

Nesse sentido, ao passo que se intenta apreender conhecimentos mais aprofundados sobre a temática, problematiza-se a realidade e as condições de vida de mulheres chefes de família em tempos de pandemia. Os resultados da pesquisa poderão contribuir para que se ofereça à comunidade local indicadores sociais, políticos e econômicos sobre o perfil das mulheres chefes de família, os quais poderão consistir na sustentação de futuras intervenções, sintonizadas com a realidade vivenciadas e experienciadas por essas mulheres. Sem nenhuma pretensão de esgotar as complexidades sobre o objeto de reflexão, verifica-se que esta pesquisa, representa uma das diversas possibilidades de análise sobre as condições de vida de mulheres chefes de família em tempos de pandemia, pois, a realidade, não pode ser apreendida de uma só maneira, e muito menos na sua totalidade.

Agradecimentos

Ao PROINIC-UNIMONTES, pela oportunidade na iniciação científica. Ao corpo docente do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES pela contribuição no processo de aprendizagem e conhecimento. A professora Geusiane Pereira Silva e Nascimento, pela orientação e motivação neste momento particularmente desafiador, o carinho e apoio foram fundamentais para a elaboração da pesquisa.

Referências:

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho*. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1985.

BRASIL (2020). *Lei n. 13.982, de 02 de abril de 2020*. Estabelece medidas excepcionais de proteção social...de enfrentamento da emergência decorrente do coronavírus (covid-19). Recuperado de <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.982-2-de-abril-de-2020-250915958>. Acesso em 29 de Maio de 2021.

BRUSCHINI, Cristina. *Trabalho da mulher no Brasil: novas conquistas ou persinencias da discriminação?* (Brasil, 1985/95). In ROCHA, Maria Izabel B. (org). *Trabalho e Gênero: Mudanças, Permanências e Desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG/ São Paulo: Ed. 34, 2000.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. 1993.

CARVALHO, Luiza. *Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida*. São Paulo. Editora Cortez, 1998.

CISNE, Mirla. *Serviço Social: Uma profissão de mulheres para mulheres?* Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. UFPE, 2004.

_____. *Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social*. 1ª Ed. São Paulo : Outras expressões, 2012.

15° 2021 FEPEG

FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO

“Universidade e a
transformação pela
inovação tecnológica:
Novas formas do fazer
pedagógico.”



IBGE. **Pesquisa Nacional amostra de domicílio contínua divulgação especial: mulheres no mercado de trabalho.** Rio de Janeiro: Autor. 2018, Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/vizualizacao/livros/liv101641.pdf>

MACEDO, Márcia dos Santos. **Na trama das interseccionalidades: mulheres chefes de família em Salvador.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFBA, 2008.

MARX, K. **O Capital – Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital.** Tradução Rubens Enderle. São Paulo. Boitempo, 2013.

SOLANO, Esther. **Simpósio analisa disputas das narrativas em pandemia.** UFG, 2020. Disponível em <https://www.ufg.br/n/128987-simposio-analisa-disputas-das-narrativas-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 5 de Maio de 2021.